

## **SIGNOS TOMADOS POR MARAVILHAS: CULTURA LITERÁRIA E IDENTIDADE CRIOLA CARIBENHA EM NARRATIVAS DE JEAN RHYS**

Viviane Ramos de Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho parte das reflexões e elaborações teóricas de Bhabha (1998), em “Signos tidos por milagres”, a respeito da posição emblemática ocupada pelo livro inglês como legitimador e perpetuador da ideia de supremacia cultural inglesa e sua missão “civilizadora”. Bhabha põe em foco a articulação entre o evangelismo inglês e os livros da literatura inglesa moderna e o ambicioso projeto imperialista de conquista e domínio de territórios e povos pelos ingleses. No centro dessa articulação, ele elabora a maneira como o desejo narcisista do projeto colonizador de produzir Outros culturais reformados à sua semelhança é ameaçado pelas próprias classificações discriminatórias e estereótipos disseminados pelo discurso colonial. Em consonância com as ideias de Bhabha, este trabalho examina o modo como a presença emblemática do livro inglês está em foco, de diversas formas, nas narrativas de Jean Rhys (1890 – 1979). O trabalho faz uma articulação entre a cultura literária e a educação inglesas e os processos de construção de identidades culturais de sujeitos coloniais nesses textos, em diálogo com as ideias de Bhabha e as considerações do escritor barbadiano Brathwaite (1995) em “Nation language” [“Língua nação”] referentes ao sistema educacional caribenho. Além disso, o trabalho coloca em primeiro plano a abordagem sobre efeitos da ambivalência colonial nessas narrativas, que, de um modo ou de outro, dirigem a atenção para a maneira como a repetição do livro inglês por sujeitos colonizados provoca deslocamentos e distorções que fazem desses “signos tomados por maravilhas” meios de subversão contra a autoridade colonial.

**Palavras-chave:** cultura literária, identidade caribenha, Jean Rhys.

No seu texto “Signos tidos como milagres”, Bhabha chama a atenção para uma cena que se repete insistentemente após o início do século XIX nos textos culturais do colonialismo inglês: a descoberta fortuita do livro inglês nas terras desoladas, selvagens e desprovidas de palavras do mundo colonial. De acordo com Bhabha, essa cena inaugura triunfantemente a literatura do império, “o emblema do livro inglês [é] insígnia da autoridade colonial e significante do desejo e da disciplina coloniais”. (BHABHA, 1998, p. 150) A Bíblia do evangelismo inglês e os livros da literatura inglesa moderna, textos escritos em nome do pai ou do autor, alinham-se perfeitamente com os objetivos da missão civilizadora. Eles representam a palavra de Deus, a verdade, e criam as condições para a capacidade discursiva de narrar e disseminar a herança cultural europeia. (cf. BHABHA, 1998, p. 153)

---

<sup>1</sup> Professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB). Doutora em Literatura e Cultura (UFBA) E-mail: defreitasuk@gmail.com

No entanto, Bhabha assinala que, se, por um lado, esses signos fetichizados apontam para a fixidez do poder colonial, por outro, eles também oferecem um modo de resistência, ao se tornarem um emblema da “ambivalência” colonial. A mímica colonial tem por efeito a produção de uma série de semelhanças enganosas que desestabilizam, ridicularizam e contestam as práticas coloniais. As classificações discriminatórias e os estereótipos criados pelo discurso colonial para definir e fixar o Outro colonial acabam por questionar o desejo de uniformidade da autoridade colonial, que quer produzir Outros reformados à sua semelhança.

O livro inglês afirma-se como presença da autoridade, consolidando a ideia da hegemonia europeia, sua centralidade epistemológica e sua permanência. Bhabha identifica a disseminação da ideia de “inglesidade” [*“Englishness”*] em diferentes textos ingleses, que evidenciam essa qualidade, por exemplo, no poder da autoridade da evangelização, ou do domínio universal da literatura inglesa. Ele constata que a afirmação da autenticidade e originalidade da qualidade de “inglesidade” possui um caráter tardio. A condição de credibilidade e prestígio do livro inglês é constituída após o cenário traumático da diferença colonial, cultural e racial, mas os seus alicerces foram fundados numa imagem prévia, original, arcaica de identidade. Dessa forma, Bhabha argumenta que o que é “inglês” nos discursos do poder colonial não pode ser representado como uma presença plena. (cf. BHABHA, 1998, p. 157) Além disso, os essencialismos que definem raça, nação e tradição cultural, cruciais para consolidar a presença da autoridade como efeito mimético imediato, são desafiados pelos objetos exorbitantes, híbridos, produzidos pela articulação de identidades discriminatórias que asseguram a identidade “pura” e original inglesa.

Uma das ideias centrais do texto de Bhabha é que a repetição do livro inglês pelos sujeitos colonizados tem como efeito a contestação da sua aparência de originalidade e autoridade. O argumento encontra ressonância na ficção de Jean Rhys, que foi uma das pioneiras dentre os escritores caribenhos a tratar do lugar da cultura literária no Caribe colonial e a criticar a educação inglesa imposta nas Antilhas. Desse modo, esse trabalho faz uma abordagem de algumas narrativas da escritora que colocam em primeiro plano a forma como o texto colonial emerge hesitante em terras caribenhas diante dos efeitos da ambivalência colonial.

Na sua autobiografia inacabada, *Smile Please* (RHYS, 1981), Jean Rhys faz diversas alusões ao papel determinante dos livros na sua infância e adolescência na Dominica. A escritora revela o significado da imensidão do mundo dos livros na sua

vida: “Tão logo pude, me perdi no imenso mundo dos livros, e tentei apagar o mundo real que era tão desorientador para mim. Mesmo assim, eu tive um sentimento vago, persistente de que eu sempre estaria perdida nele, derrotada.” (RHYS, 1981, p. 62, tradução nossa)<sup>2</sup> Essa declaração evidencia que a influência dos livros ingleses sobre a escritora foi, por vezes, maior do que aquela exercida pela sua realidade caribenha mais imediata. Em outros trechos, Rhys sugere que os livros foram capazes de impor uma espécie de ordem que contrastava com a sua intrincada realidade caribenha, ainda mais quando considerada a partir da posição da sua identidade crioula.

Rhys nasceu e viveu a sua infância e adolescência na Dominica, então colônia do Reino Unido. Seu senso de pertencimento é marcado pela situação ambígua vivida pelo sujeito colonial no contexto imperial, cuja terra natal é considerada um lugar periférico, parte acessória ou complementar do império. Rhys é filha de pai galês e mãe crioula<sup>3</sup>, e como crioula branca também ocupa uma posição marginal no contexto da história e da sociedade caribenhas. Dessa forma, a relação da escritora com a sua terra natal é problemática, tanto pela sua identidade como crioula branca, quanto pela sua educação e herança cultural e linguística inglesas, que a impedem de conceber o Caribe como sua “casa”.

O impacto da educação inglesa e dos livros da literatura inglesa é revelado pela declaração da escritora de que “dos livros (fatalmente) eu gradualmente tirei a maioria das minhas ideias e crenças”. (RHYS, 1981, p. 63, tradução nossa)<sup>4</sup> Entratanto, o olhar enviesado de Rhys sobre essa influência é evidenciado em diversos momentos em narrativas ficcionais e em relatos autobiográficos que ressaltam o quanto o livro situava-se desconfortavelmente na cultura caribenha.

“Books” [“Livros”], uma das seções da autobiografia inacabada de Rhys, começa com uma analogia bastante sugestiva entre livro e Deus:

---

<sup>2</sup> “As soon as I could I lost myself in the immense world of books, and tried to blot out the real world which was so puzzling to me. Even then I had a vague, persistent feeling that I'd always be lost in it, defeated (RHYS, 1981, p. 62).

<sup>3</sup> “Crioulo/crioula” é um termo usado nas Índias Ocidentais para se referir tanto aos descendentes de Africanos quanto aos descendentes de Europeus que nasceram no Caribe e se naturalizaram caribenhos. “Crioulo/crioula” é um substantivo que se refere tanto às pessoas, quanto à língua, e é também um adjetivo. Rhys e sua mãe eram crioulas, mas seu pai não. Os descendentes de escravos são crioulos, mas os povos indígenas remanescentes, arauques e caribes, não. Os primeiros escritos de Rhys sobre as Ilhas Ocidentais foram a princípio intitulados “*Creole*”. O título do seu mais conhecido romance, “*Wide Sargasso Sea*”, foi retirado de uma canção crioula (cf. SMITH, 1997, p. 134).

<sup>4</sup> “[...] from books (fatally) I gradually got most of my ideas and beliefs” (RHYS, 1981, p. 63).

Antes que eu pudesse ler, quase um bebê, eu imaginava que Deus, essa coisa ou pessoa estranha de que eu ouvia falar, era um livro. Às vezes era um grande livro na posição vertical e semi-aberto e eu podia ver a impressão dentro, mas não fazia sentido para mim. (RHYS, 1981, p. 27, tradução nossa)<sup>5</sup>

É significativo que a Bíblia, apesar de apenas aludida mas não nomeada no parágrafo em destaque, seja o livro que abra a seção intitulada “Livros”. Também é relevante que o livro bíblico tenha causado tal impressão na criança Jean Rhys, a ponto de levá-la a equiparar livro a Deus. Apesar de muito pequena, ela percebeu o poder daquele objeto reverenciado pela família, conforme demonstra a posição de destaque que ocupava na casa e o fato de que permanecia semi-aberto, pronto para ser lido. Além disso, Rhys foi influenciada tanto pelo catolicismo, quanto pelo anglicanismo, bastante difundido na Dominica e parte integrante da sua educação formal. Ademais, como sujeito colonial britânico proveniente de uma colônia marcada pela herança cultural francesa, Rhys recebeu a influência dessas religiões através da educação literária exclusivamente inglesa e francesa que recebeu na Dominica.

Os livros ingleses, desde muito cedo, fizeram parte da vida de Rhys e dos seus irmãos, que frequentemente os recebiam como presentes da avó galesa. O poder desses livros possui um efeito metonímico, uma vez que representam o poder que os livros ingleses exerciam sobre a educação das crianças. Esses objetos, venerados pelo pai de Rhys, vinham de navio da Inglaterra, o “centro do mundo”, e eram mantidos como relíquias preciosas numa estante de vidro na sala da casa. Os relatos de Rhys oferecem uma pista do fascínio exercido pelos livros na sua infância, seja através das suas observações sobre ao cuidado da família em preservar esses objetos, ou sobre o misto de atração, temor e respeito que a escritora sentia quando criança por alguns desses livros, como em relação à Enciclopédia Britânica, que ela declara nunca ter tocado.

Em “Livros”, assim como em outros textos de Rhys que fazem referência a livros, é notória a posição ambígua ocupada pelos livros no Caribe, que eram muitas vezes considerados com desconfiança e demonizados pela população local. Nessa seção da sua autobiografia, Rhys relata que a sua babá, que se chamava Meta, gostava ainda menos dela porque ela lia livros. A escritora conta que um dia, quando estava sentada nas escadas lendo uma versão adaptada para crianças de *Arabian Nights* [*As mil e uma*

---

<sup>5</sup> “Before I could read, almost a baby, I imagined that God, this strange thing or person I heard about, was a book. Sometimes it was a large book standing upright and half open and I could see the print inside but it made no sense to me.” (RHYS, 1981, p. 27)

noites], Meta tenta intimidá-la com uma imagem monstruosa a respeito das pessoas que leem muito: “Ela disse, ‘Se você ficar lendo tanto, sabe o que vai acontecer com você? Seus olhos vão cair e vão olhar para você da página’” (RHYS, 1981, p. 28, tradução nossa)<sup>6</sup>

Em outra seção de *Smile please*, intitulada “Facts of life” [“Fatos da vida”], Rhys estabelece uma analogia entre livro e morte, ao relatar a sua visita à biblioteca da Dominica na única ocasião em que retornou à sua terra natal depois de deixá-la aos dezesseis anos. A escritora comenta que ficou surpresa e comovida ao encontrar a biblioteca cheia. Entretanto, contrastando com a vivacidade e efervescência do ambiente repleto de frequentadores ávidos por livros, Rhys descreve a figura mortificada da bibliotecária, que tinha gestos robotizados e aspecto doentio. No final do seu breve relato sobre a visita, Rhys anuncia a morte da funcionária, que aparece inextricavelmente associada ao seu trabalho como bibliotecária: “Livro após livro e a cada um ela parecia ficar mais cansada, mais doente. Eu não fiquei surpresa quando ouvi alguns dias mais tarde que ela estava morta.” (RHYS, 1981, p. 63, tradução nossa)<sup>7</sup>

A incidental narrativa sobre a visita à biblioteca da Dominica e os comentários a respeito da bibliotecária parecem pouco significativos à primeira vista. No entanto, eles ganham outra dimensão quando considerados ao lado de outras referências a livros em textos ficcionais da escritora, como, por exemplo, no conto “Again the Antilles” [“Mais uma vez as Antilhas”], no qual a discussão entre um editor de um jornal caribenho e um inglês colonialista põe em evidência a maneira como a conquista pelo direito à cultura literária inglesa está imbricada a questões político-raciais. Outro exemplo é o conto “The day they burned the books” [“O dia em que queimaram os livros”], em que a complexa ligação entre raça e cultura é posta em foco através da relação entre um personagem inglês amante de livros e sua esposa caribenha que, com a morte do marido, realiza um ritual de queima dos seus livros.

“Again the Antilles” [“Mais uma vez as Antilhas”] começa com a narradora observando o seu vizinho da janela, Papa Dom, o editor do jornal *Dominica Herald and Leeward Islands Gazette*. A narradora descreve o editor como um rebelde de berço e agitador. Ela justapõe essas características à descrição da posição racial de Papa Dom no Caribe: “Ele detestava os brancos, não sendo exatamente branco, e ele desprezava os

---

<sup>6</sup> “‘If all you read so much, you know what will happen to you? Your eyes will drop out and they will look at you from the page’” (RHYS, 1981, p. 28).

<sup>7</sup> “‘Book after book and with each one she seemed to get more tired, look more ill. I wasn’t at all surprised when I heard a few days later that she was dead’” (RHYS, 1981, p. 64).

negros, não sendo exatamente negro. ... ‘De cor’ nós caribenhos costumamos chamar os tons intermediários, e eu costumava pensar que ser ‘de cor’ o amargurava.” (RHYS, 1987, p. 39, tradução nossa)<sup>8</sup> Após esse comentário, a narradora discorre sobre alguns julgamentos acerca da religião e cultura locais e certas posições políticas do editor de *Dominica Herald and Leeward Islands Gazette*. Dessa forma, é evidenciada a estreita ligação entre questões raciais, sociais, políticas e culturais:

Ele era contra o governo, contra os ingleses, contra o fato de a Ilha ser uma colônia da coroa e novo sistema de drenagem do Conselho da Cidade. Ele também era contra as massas, contra a alegre e leve moralidade dos negros e “as hordas de padres e freiras que invadiram a nossa infeliz ilha”, contra a existência do bispado anglicano e novo palácio do bispado católico. (RHYS, 1987, p. 39, tradução nossa)<sup>9</sup>

A narradora relata, ainda, sobre um motim por parte dos católicos, que cercaram a casa de Papa Dom em protesto à sua posição anti-católica. Em seguida, discorre sobre o fato que envolve boa parte do conto, a discussão acalorada entre Papa Dom e o Sr. Hugh Musgrave, um inglês que vive no Caribe há mais de vinte anos e que é dono de uma grande propriedade produtora de cana-de-açúcar. O motivo da discórdia é desconhecido pela narradora, que, no entanto, aponta Papa Dom como o provocador da briga. Usando diferentes pseudônimos e durante vários dias, o editor ataca o Sr. Musgrave numa coluna dedicada aos leitores do jornal, denunciando o que considera seu comportamento tirânico. A narradora destaca o trecho final de uma das cartas de Papa Dom, a mais apaixonada e a que motivou a reação do Sr. Musgrave:

“É uma visão triste e deplorável”, e concluía, “contemplar a degeneração de uma linhagem. Até que ponto está tal homem distante das ideias da verdadeira nobreza, da bela descrição de um contemporâneo, possivelmente, embora não certamente, o Marquês de Montrose, deixada para nós por Shakespeare, o poeta e gênio divino. “*He was a very gentle, perfect knight...*” (RHYS, 1987, p. 40, tradução nossa)<sup>10</sup>

<sup>8</sup> “He hated the white people, not being quite white, and he despised the black ones, not being quite black. ... ‘Coloured’ we West Indians call the intermediate shades, and I used to think that being coloured embittered him.” (RHYS, 1987, p. 39)

<sup>9</sup> “He was against the Government, against the English, against the Island’s being a Crown Colony and the Town Board’s new system of drainage. He was also against the Mob, against the gay and easy morality of the negroes and ‘the hordes of priests and nuns that overrun our unhappy island’, against the existence of the Anglican bishop and the Catholic bishop’s new palace.” (RHYS, 1987, p. 39)

<sup>10</sup> “‘It is a saddening and a dismal sight’, it ended, ‘to contemplate the degeneracy of a stock. How far is such a man removed from the ideas of true gentility, from the beautiful description of a contemporary,



É válido notar na carta de Papa Dom o apreço à cultura inglesa e a sua resignação à hierarquia racial. O ataque de Papa Dom não é direcionado à cultura inglesa, mas ao Sr. Musgrave que não corresponde às expectativas de um verdadeiro cavalheiro inglês. Com essa carta, Papa Dom ofereceu a ocasião ideal para a desforra do Sr. Hugh Musgrave:

“Caro senhor”, escreveu

“Eu nunca li o seu jornal abominável. Mas minha atenção foi despertada por uma carta ofensiva sobre mim que você publicou na semana passada. As linhas citadas foram escritas, não por Shakespeare, mas por Chaucer, embora não se possa, naturalmente, esperar que você saiba disso”, e continua

*He never yet no vilonye had sayde*

*In al his lyf, unto no manner of wight –*

*He was a verray parfit, gentil knyght.*

“Na verdade, é uma coisa triste e deplorável que os nomes dos grandes ingleses sejam, assim, tomados em vão pelos ignorantes de outra raça e cor.” (RHYS, 1987, p. 41, tradução nossa)<sup>11</sup>

A figura de Papa Dom oferece um exemplo sugestivo de mímica colonial. O editor dominicano comporta-se como o que julga ser um verdadeiro cavalheiro inglês, e esforça-se por agregar as suas qualidades, dentre elas o conhecimento literário. Entretanto, ocupa a complexa posição do sujeito colonial que reverencia a cultura inglesa e possui uma relação de amor e ódio com ingleses. Nesse conto, está em foco o preconceito racial contra os negros e mestiços no Caribe. O racismo é evidenciado tanto por parte do Sr. Musgrave, quanto por parte de Papa Dom, que procura se diferenciar dos negros da ilha, depreciando a cultura e hábitos locais e afirmando a sua identificação com a cultura britânica. De forma significativa para o enfoque dado por este trabalho, “Mais uma vez as Antilhas” coloca em primeiro plano a imbricação entre

---

possibly, though not certainly, the Marquis of Montrose, left us by Shakespeare, the divine poet and genius.

“*He was a very gentle, perfect knight...*” (RHYS, 1987, p. 40).

<sup>11</sup> “‘Dear Sir’, he wrote

‘I never read your abominable paper. But my attention has been called to a scurrilous letter about myself which you published last week. The lines quoted were written, not by Shakespeare but by Chaucer, though you cannot of course be expected to know that’, and run

*He never yet no vilonye had sayde*

*In al his lyf, unto no manner of wight –*

*He was a verray parfit, gentil knyght.*

‘It is indeed a saddening and a dismal thing that the names of great Englishmen should be thus taken in vain by the ignorant of another race and colour’ (RHYS, 1987, p. 41).

o conhecimento literário e questões raciais e políticas no contexto do sistema colonial caribenho. O conto evidencia que por mais vasto que seja o conhecimento de um caribenho mestiço sobre a literatura inglesa, é improvável que lhe fosse dado o direito de sua apropriação. Papa Dom responde aos insultos do Sr. Musgrave, lembrando aos leitores sobre as incertezas em torno da autoria das palavras citadas e afirma com orgulho que, diferente do Sr. Musgrave, ele usou apenas a memória, não fez referências a nenhum material. No entanto, apesar dos argumentos plausíveis que apresenta, Papa Dom não sai como vencedor nessa discussão, pois muito mais fortes que seus argumentos é a convicção de que a ligação política entre cultura e raça o exclui do privilégio de dispor da cultura inglesa como um inglês.

Outro conto em que a cultura literária está em foco é “The day they burned the books” [“O dia em que queimaram os livros”], que tem como personagens principais, a narradora, seu amigo Eddie, o pai inglês e a mãe caribenha de Eddie. O conto capta a tensão que existia entre o casal sobre a questão racial e cultural, e o papel desempenhado pelos livros nesse contexto.

Em “The day they burned the books” [“O dia em que queimaram os livros”], os livros estão associados à figura do pai de Eddie, que construiu um quarto no fundo da casa onde morava a família e o encheu de prateleiras de livros: “toda vez que o navio a vapor do Royal Mail aportava, trazia um um pacote para ele, e gradualmente as estantes vazias ficaram repletas de livros.” (RHYS, 1987, p. 152, tradução nossa)<sup>12</sup> Sr. Sawyer intrigava os habitantes da ilha, que não conseguiam enquadrar o inglês em qualquer dos perfis de “cavalheiro inglês”, nem entendiam como ele mantinha o seu padrão de vida sendo apenas um agente de uma pequena linha de barcos a vapor. As motivações do Sr. Sawyer para viver em terras caribenhas eram, portanto, alvo de desconfiança:

Seu pai, Sr. Sawyer, era um homem estranho. Ninguém conseguia de jeito nenhum entender o que ele estava fazendo em nossa parte do mundo. Ele não era dono de terras ou médico ou advogado ou banqueiro. Ele não tinha uma loja. Não era professor ou funcionário do governo. Ele não era – este era o ponto – um cavalheiro. (RHYS, 1987, p 151, tradução nossa)<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> “Every time the Royal Mail steamer came in it brought a package for him, and gradually the empty shelves filled” (RHYS, 1987, p. 152).

<sup>13</sup> “His father, Mr. Sawyer, was a strange man. Nobody could make out what he was doing in our part of the world at all. He was not a planter or a doctor or a lawyer or a banker. He didn’t keep a store. He wasn’t a schoolmaster or a government official. He wasn’t – that was the point – a gentleman” (RHYS, 1987, p. 151)



Além disso, a narradora declara que, diferente dos “muitos residentes românticos que se apaixonavam pela lua do Caribe”<sup>14</sup>, o Sr. Sawyer “detestava a lua e tudo mais sobre o Caribe e não se importava de dizer isso a você”. (RHYS, 1987, p. 151, tradução nossa)<sup>15</sup> Ademais, a população local especulava por que o Sr. Sawyer havia se casado com uma mulher mestiça, “mesmo levando em conta que era uma mestiça decente, respeitável, bem educada, veja você” (RHYS, 1987, p. 151, tradução nossa)<sup>16</sup>, declaração que evidencia o preconceito racial.

Ficamos sabendo logo no início do conto que o Sr. Sawyer bebe com frequência e abusa verbalmente da Sra. Sawyer com comentários racistas. A respeito da reação da Sra. Sawyer, a narradora comenta que, a cada insulto do marido, ela apenas ria, fingindo que as brincadeiras de mau gosto eram, conforme observa sarcasticamente a narradora, “parte da piada, essa misteriosa, obscura, sagrada piada inglesa.” (RHYS, 1987, p. 152, tradução nossa)<sup>17</sup> Entretanto, após um episódio em que o Sr. Sawyer faz um comentário maldoso sobre o cabelo da esposa e arranca alguns dos seus fios, Mildred, a empregada doméstica, flagra a expressão vingativa da Sra. Sawyer e o gesto de colocar os fios arrancados num envelope. O ato é interpretado por Mildred como *obeah*<sup>18</sup>: “O Sr. Sawyer que se cuide, (cabelo é *obeah* da mesma forma que mãos).” (RHYS, 1987, p. 152, tradução nossa)<sup>19</sup>

A narradora anuncia que o Sr. Sawyer morreu quando ela completou 12 anos. A partir de então, Eddie tomou posse da vasta biblioteca do pai, que já era assiduamente frequentada pelas crianças. Entretanto, para a surpresa das crianças, um dia enquanto estavam na biblioteca, pouco tempo após a morte do Sr. Sawyer, a Sra. Sawyer entrou, acompanhada de Mildred, decidida a dar um fim em todos os livros ali presentes. Furiosamente, a Sra. Sawyer retirou os livros das estantes, indiferente às súplicas do filho, e, com a ajuda de Mildred, os separou em duas pilhas. Aqueles de capa grossa e considerados bonitos foram para a pilha dos que iriam ser vendidos, e os que estavam

---

<sup>14</sup> “several resident romantics who had fallen in love with the moon on the Caribees” (RHYS, 1987, p. 151)

<sup>15</sup> “detested the moon and everything else about the Caribbean and he didn’t mind telling you so” (RHYS, 1987, p. 151)

<sup>16</sup> “Though a decent, respectable, nicely educated coloured woman, mind you.” (RHYS, 1987, p. 151)

<sup>17</sup> “part of the joke, this mysterious, obscure, sacred English joke” (RHYS, 1987, p. 152)

<sup>18</sup> De forma superficial, pode-se dizer que *obeah* é um termo usado nas Índias Ocidentais que se refere a práticas religiosas, espiritualistas, de feitiçaria e magia popular que têm suas origens na África Ocidental e que foram trazidas para o Caribe pelos escravos.

<sup>19</sup> “Mr. Sawyer ought to look out (hair is obeah as well as hands)” (RHYS, 1987, p. 152)

estragados ou não pareciam importantes foram colocados na pilha dos livros que iriam ser queimados:

Os grandes, grossos e brilhantes - de boa aparência, Mildred explica em um sussurro - ficam em uma pilha. A *Encyclopaedia Britannica*, *British Flowers*, *Birds and Beasts*, várias histórias, livros com mapas, *English in the West Indies* e assim por diante - vão ser vendidos. Os livros sem importância, com capas de papel ou danificadas ou com páginas rasgadas, são colocados em outra pilha. Eles serão queimados - sim, queimados. (RHYS, 1987, p. 154, tradução nossa)<sup>20</sup>

É relevante notar que o livro escrito por uma mulher, ainda que de boa aparência, é condenado ao fogo pela Sra. Sawyer. A narradora observa que para a Sra. Sawyer, “pior do que homens que escreviam livros eram mulheres que escreviam livros, infinitamente pior.” (RHYS, 1987, p. 155, tradução nossa)<sup>21</sup>

Os livros, na visão da Sra. Sawyer, são o epítome dos valores da cultura inglesa, que chegavam até ela principalmente através do comportamento racista e machista do marido. É interessante notar que o Sr. Sawyer depreciava a cultura caribenha não só através dos comentários que fazia a respeito do lugar e das pessoas, mas também através da sua atitude de se isolar nos livros ingleses. O ódio da Sra. Sawyer pelos livros é intensificado pela influência que eles têm sobre o seu filho, um amante dos livros como o pai. Antes mesmo de destruir a biblioteca, esse ódio é identificado pela narradora num dia em que a Sra. Sawyer espreita as duas crianças na biblioteca: “Ela colocou a cabeça na porta e olhou para nós, e eu soube que ela odiava o quarto e odiava os livros.” (RHYS, 1987, p. 152, tradução nossa)<sup>22</sup>

Em diversos momentos em seus textos ficcionais e não ficcionais, Rhys elabora a respeito do significado das representações da Inglaterra e do impacto que a educação inglesa que recebeu teve na sua vida. Dentre os escritores caribenhos, Rhys destaca-se pelo pioneirismo em reconhecer nas suas narrativas os efeitos psicológicos e políticos da imposição da educação inglesa, tão distante da experiência vivida caribenha. Em

---

<sup>20</sup> “The big, fat glossy ones – the good-looking ones, Mildred explains in a whisper – lie in one heap. *The Encyclopaedia Britannica*, *British Flowers*, *Birds and Beasts*, various histories, books with maps, *English in the West Indies* and so on – they are going to be sold. The unimportant books, with paper covers or damaged covers or torn pages, lie in another heap. They are going to be burnt – yes, burnt.” (RHYS, 1987, p. 154)

<sup>21</sup> “worse than men who wrote books were women who wrote books – infinitely worse” (RHYS, 1987, p. 155).

<sup>22</sup> “She put her head in at the door and looked at us, and I knew that she hated the room and hated the books” (RHYS, 1987, p. 152).

*Smile please*, a escritora evidencia a imagem idealizada que tinha da Inglaterra quando se esforça para encontrar, na sua vida cotidiana na Dominica, alguma coisa que a encantasse a ponto de ser comparada às maravilhas que eram, para ela, os livros e a Inglaterra da sua imaginação. E não é por acaso que os livros e Inglaterra aparecem justapostos no seu comentário:

Enquanto eu crescia, a vida não parecia monótona ou maçante para mim. Mesmo sem contar com os livros, a vida era muitas vezes emocionante. Não era, é claro, nada tão maravilhoso como a Inglaterra seria, mas servia pra ir levando. Por exemplo, havia os cavalos. Tínhamos dois, Preston e March. (RHYS, 1981, p. 64, tradução nossa)<sup>23</sup>

É curioso observar que a expectativa de viver na Inglaterra faz com que a infância e adolescência na Dominica sejam vivenciadas como uma espera para a verdadeira vida futura. Mesmo os prazeres cotidianos, como a experiência dos passeios a cavalo, eram associados pela criança e adolescente Jean Rhys às emoções que viveria na Inglaterra: “O que é isso sobre cavalos que faz você feliz? É assim. Vindo desses passeios eu sempre senti que a vida era gloriosa e certamente seria mais ainda no futuro (Inglaterra! Inglaterra!).” (RHYS, 1981, p. 64 – 65, tradução nossa)<sup>24</sup>

Um dos aspectos que se destaca no conto “The day they burned the books” [“O dia em que queimaram os livros”] é a descrição feita pela narradora do seu amigo Eddie, e a respeito da influência que o amigo exerceu na sua forma de olhar para a Inglaterra. Eddie lhe oferece um contraponto às imagens idealizadas da “pátria” [“*motherland*”] ou “lar” [“*homeland*”], como a Inglaterra era chamada nas colônias:

Foi Eddie com os olhos azul-claros e cabelos cor de palha – a imagem viva de seu pai, apesar de ser quase sempre tão silencioso quanto sua mãe – que primeiro me contaminou com dúvidas sobre o “lar”, ou seja, a Inglaterra. Ele ficava tão quieto quando aqueles que nunca tinham visto a Inglaterra – nenhum de nós nunca tinha visto – ficávamos falando sobre suas maravilhas, gesticulando livremente enquanto falávamos – Londres, as belas senhoras de faces rosadas, os teatros, as lojas, o nevoeiro, as lareiras de carvão no inverno, a comida exótica (salmões pequenos comidos ao som de violinos), morangos e creme – a palavra

<sup>23</sup> “As I grew up, life didn’t seem monotonous or dull to me. Even apart from books, life was often exciting. It was not, of course, anything like as wonderful as England would be, but it did to be going on with. For instance, there were the horses. We had two, Preston and March”. (RHYS, 1981, p. 64)

<sup>24</sup> “What is it about horses that makes you happy? It is so. Coming in from these rides I always felt that life was glorious and would certainly become more so later on (England! England!).” (RHYS, 1981, p. 64 – 65)

“morangos” sempre falada com um som gutural que imaginávamos ser a pronúncia correta do inglês. (RHYS, 1987, p. 153, tradução nossa)<sup>25</sup>

Apesar de ser filho de um inglês que propagava em seu discurso e suas atitudes a crença na soberania cultural inglesa, Eddie herdou a desconfiança, além do silêncio, da mãe. A narradora aprendeu com o seu amigo de infância a considerar criticamente os objetos e símbolos culturais ingleses promovidos pelos livros da literatura britânica. Ela comenta a respeito do dia em que Eddie declara que não gosta de morangos nem das flores narciso [*“daffodil”*], e é censurado pelos amigos, que recebem as declarações chocados e até ofendidos. A narradora também aprende com Eddie a questionar e considerar com reservas as promessas de segurança e proteção aludidas pela palavra “lar” [*“home”*], usada para se referir à Inglaterra, e também a refletir criticamente sobre a sua frágil identidade nacional:

Nós ficamos tão chocados que ninguém falou com ele o resto do dia. Mas eu, pelo menos o admirava. Eu também estava cansada de aprender e recitar poemas em louvor a flores de narciso, e as minhas relações com os poucos meninos e meninas ingleses “de verdade” que conheci era estranha. Eu tinha descoberto que, se eu dissesse que era inglesa, eles me esnobariam desdenhosamente: “Você não é inglesa; você é uma horrenda nativa da colônia.” (RHYS, 1987, p. 153, tradução nossa)<sup>26</sup>

O comentário da narradora a respeito do seu cansaço em relação ao tema das flores narciso frequentes nos poemas que era obrigada a estudar na escola encontra repercussão nas observações do escritor barbadiano Brathwaite (1995) em “Nation language” [*“Língua nação”*] referentes ao sistema educacional caribenho. Brathwaite ressalta o quanto os temas e conteúdos dos livros ingleses utilizados nas escolas eram distantes da vida no Caribe, o que contribuiu para afastar os caribenhos da sua realidade imediata:

---

<sup>25</sup> “It was Eddie with the pale blue eyes and straw-coloured hair – the living image of his father, though often as silent as his mother – who first infected me with doubts about ‘home’, meaning England. He would be so quiet when others who had never seen it – none of us had ever seen it – were talking about its delights, gesticulating freely as we talked – London, the beautiful, rosy-cheeked ladies, the theatres, the shops, the fog, the blazing coal fires in winter, the exotic food (whitebait eaten to the sound of violins), strawberries and cream – the word ‘strawberries’ always spoken with a guttural and throaty sound which we imagined to be the proper English pronunciation.” (RHYS, 1987, p. 153)

<sup>26</sup> “We were so shocked that nobody spoke to him for the rest of the day. But I for one admired him. I also was tired of learning and reciting poems in praise of daffodils, and my relations with the few “real” English boys and girls I had met were awkward. I had discovered that if I called myself English they would snub me haughtily: ‘You’re not English; you’re a horrid colonial.’” (RHYS, 1987, p. 153)

Paradoxalmente, no Caribe (como em muitas outras “áreas de desastre cultural”), as pessoas educadas neste sistema sabem mais, ainda hoje, sobre reis e rainhas do que eles sabem sobre nossos próprios heróis nacionais, os nossos próprios rebeldes escravos, sobre as pessoas que ajudaram a construir e a destruir a nossa sociedade. Temos mais entusiasmo pelos seus modelos literários, pelo conceito de, digamos, Floresta de Sherwood e Robin Hood do que somos por Nanny dos Quilombos<sup>27</sup>, um nome que alguns de nós nem sequer conhecia até poucos anos atrás. E em termos do que nós escrevemos, nossos modelos de percepção, estamos mais conscientes (em termos de sensibilidade) sobre a queda da neve, por exemplo – os modelos estão todos lá para a queda da neve – do que a respeito da força do furacões que ocorrem a cada ano. (BRATHWAITE, 1995, p. 310, tradução nossa)<sup>28</sup>

Brathwaite destaca a dificuldade das crianças crioulas em estabelecer associações entre os símbolos e ideais ingleses amplamente difundidos pelos livros e a existência cotidiana no Caribe. Ele utiliza a frase “A neve caía sobre os canaviais”, escrita por uma criança numa redação escolar, como um epítome não só do esforço das crianças para compatibilizar duas realidades tão distintas, mas da ambivalência perceptiva que marca a posição dos escritores caribenhos.

Em *Vasto Mar de Sargaços* [*Wide Sargasso Sea*], o jovem inglês Rochester, recém chegado ao Caribe para casar-se com uma mulher crioula, observa que as traças destroem os poucos livros que havia na casa, e que tinham pertencido ao padrasto inglês de sua noiva, Antoinette: “dei uma olhada nos livros, poemas de Byron, romances de Sir Walter Scott, *Confissões de um consumidor de ópio*, uns velhos volumes marrons, e, na última prateleira, *Vida e correspondência de...* O resto tinha sido comido pelas traças.” (RHYS, 2012, p. 71)<sup>29</sup> É relevante notar que, logo depois, Rochester escreve uma carta para o seu pai que nunca é enviada: “Um lugar fresco e remoto... E eu imaginei como eles faziam para enviar cartas. Dobrei a minha e coloquei-a numa gaveta da

<sup>27</sup> Nanny dos Quilombos [Nanny of the Maroons] é uma ex-Ashanti mãe rainha considerada uma das maiores guerreiras a favor da liberdade na Jamaica. (cf. BRATHWAITE, 1995, p. 313)

<sup>28</sup> “Paradoxically, in the Caribbean (as in many other ‘cultural disaster areas’), the people educated in this system came to know more, even today, about English kings and queens than they do about our own national heroes, our own slave rebels, the people who helped to build and to destroy our society. We are more excited by their literary models, by the concept of, say, Sherwood Forest and Robin Hood than we are by Nanny of the Maroons, a name some of us didn’t even know until a few years ago. And in terms of what we write, our perceptual models, we are more conscious (in terms of sensibility) of the falling of the snow, for instance – the models are all there for the falling of the snow – than of the force of the hurricanes which take place every year.” (BRATHWAITE, 1995, p. 310)

<sup>29</sup> “[...] I looked at the books, Byron’s poems, novels by Sir Walter Scott, *Confessions of an Opium Eater*, some shabby brown volumes, and on the last shelf, *Life and Letters of ...* The rest was eaten away.” (RHYS, 1997, p. 46)

escrivaninha.” (RHYS, 2012, p. 72)<sup>30</sup> Essa passagem ganha relevância diante da tensão que há no romance entre a cultura letrada dos colonizadores e as culturas de tradição oral dos povos antilhanos colonizados.

O conflito entre cultura letrada e cultura de tradição oral é crucial em *Vasto Mar de Sargaços*, uma vez que é a vasta distância entre os mundos do casal protagonista, aludida pelo título, que desencadeia a tragédia do romance. A massa espessa de algas que boiam sobre as águas do Mar de Sargaços, localizado no caminho que separa o império britânico das suas colônias no Caribe, pode ser lida também como uma metáfora para a opacidade do mundo caribenho para o jovem inglês, ou seja, para tudo aquilo que não pode ser compreendido pelo seu conhecimento racional e sua perspectiva eurocêntrica. A existência de saberes diversos, de raiz na tradição oral, é lembrada pelas palavras da feiticeira *obeah* Christophine: “Ler e escrever eu não sei. Outras coisas eu sei.” (RHYS, 2012, p. 159)<sup>31</sup>

*Vasto Mar de Sargaços* traz à cena o poder da escrita e do livro inglês como promotores e perpetuadores dos símbolos, tradições e representações culturais ingleses, mas ao mesmo tempo as diversas figuras de livros presentes no romance denunciam a sua posição incerta no Caribe. O romance questiona a centralidade e permanência do significado desses símbolos, assim como da hegemonia cultural europeia nessa parte do mundo, e sobretudo diante das ideias anticolonialistas que começam a ventilar no Caribe, a partir da abolição da escravidão nas colônias britânicas em 1833, momento em que está situada a história de *Vasto Mar de Sargaços*. Ademais, o romance de Rhys ocupa um lugar representativo de contestação do livro inglês através do diálogo intertextual que estabelece com o romance vitoriano *Jane Eyre*. Nesse sentido, é interessante notar que Rhys fez com que Antoinette, ao repetir o gesto da jamaicana Bertha, personagem de *Jane Eyre*, de atear fogo à Thornfield Halls, destruísse não só a propriedade do seu marido inglês, mas também queimasse o texto canônico *Jane Eyre*.

A presença emblemática do livro inglês está em foco, de diversas formas, nas narrativas de Rhys. Elas encenam a imbricação entre esse poderoso meio de dominação colonial e os processos de construção de identidades culturais de sujeitos coloniais. Ao mesmo tempo, essas narrativas oferecem perspectivas valiosas sobre os efeitos da ambivalência colonial, ao colocarem em evidência o modo como a repetição do livro

---

<sup>30</sup> “A cool remote place... And I wondered how they got their letters posted. I folded mine and put it into a drawer of the desk.” (RHYS, 1997, p. 46)

<sup>31</sup> “Read and write I don’t know. Other things I know.” (RHYS, 1997, p. 104)



inglês por sujeitos colonizados provoca deslocamentos e distorções que fazem desses “signos tomados por maravilhas” meios de subversão contra a autoridade colonial.

As narrativas ficcionais de Rhys frequentemente dirigem a atenção para questões relacionadas à cultura e identidade, nos levando a considerá-las diante das dimensões da experiência histórica e social caribenhas. Ao fazê-lo, essas narrativas desafiam os dogmas e métodos eurocêntricos e apontam o limite das estratégias retóricas que insistem na concepção de identidade apoiada na ideia de nação e no sentido absoluto da diferença étnica e racial. Muitos dos seus textos registram a sensação de desorientação e a identidade indefinível de quem vive existências marginalizadas e desenraizadas, evidenciando o descentramento e a provisoriedade em termos de identidade cultural. De forma significativa para as discussões contemporâneas sobre a questão da identidade, seus textos consistentemente evocam a ideia de que a identidade é algo produzido e reproduzido através de práticas e discursos, e da sua articulação com as relações de poder.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BATHWAITE, E. K. Nation language. In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **The post-colonial studies reader**. London: Routledge, 1995, p. 309 – 313.
- BRONTË, C. **Jane Eyre**. Introd. Sally Minogue. London: Wordsworth Classics, 1999.
- RHYS, J. **Smile please: an unfinished autobiography**. Introd. Diana Athill. London: Penguin, 1981.
- RHYS, J. **The collected short stories**. Introd. Diana Athill, London, New York: W.W. Norton Company, 1987.
- RHYS, J. **Vasto Mar de Sargãos**. Trad. Léa Viveiros de Castro. Introdução: Carla Pontílio. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- RHYS, J. **Wide Sargasso Sea**. Notas e introd. Angela Smith. London: Penguin, 1997.
- SMITH, A. General notes. In: RHYS, J. **Wide Sargasso Sea**. Notas e introd. Angela Smith. London: Penguin, 1997, p. 131-137.